

Artistas como Laura Fernandes mantêm viva a experiência coletiva do circo de rua em Porto Alegre



Reportagem Cultural

A arte que escolhe o asfalto

Gabrieli Silva, especial para JC

Quem caminhava pelo Parque da Redenção nos finais de semana entre 2005 e 2018 inevitavelmente tropeçava em um acontecimento. Sob a sombra das árvores, em meio ao areião, uma estrutura cênica se erguia logo cedo: paletes de madeira cortados serviam de arquibancada, um pano de fundo delimitava o picadeiro improvisado e caixas de som transformavam o Brique da Redenção – local histórico e coração da cultura popular de Porto Alegre – no mais democrático dos teatros a céu aberto. Ali, a fusão entre circo, teatro, música e a palhaçaria clássica – o chamado *clown music* – viveu seu auge entre 2011 e

2018, consagrando personagens que se tornaram patrimônio afetivo da cidade.

A presença do artista na calçada opera como a flor que fura o asfalto na célebre imagem de Carlos Drummond de Andrade em *A Flor e a Náusea*. Em meio ao tráfego, ao barulho e à rotina acelerada dos pedestres, a performance irrompe sobre o cinza da cidade para desacelerar o tempo e provocar uma imediata pausa no cotidiano urbano.

A rua, contudo, é um organismo em perpétua transformação. Se naqueles anos de ouro artistas lendários formavam público e viviam exclusivamente do chapéu, o cenário contemporâneo reflete um deslocamento complexo. O esvaziamento das

calçadas, a migração para salas formais, os impactos econômicos pós-pandemia e enchentes, a transição do dinheiro físico para as chaves Pix e as telas de *smartphones*, além de uma cidade que por vezes ignora seus criadores, alteraram a geografia da arte popular gaúcha.

Ainda assim, a rua resiste. Da memória da Bandinha Di Dá Dó e do Homem Banda até a linha de frente que hoje ocupa a Redenção e as sinaleiras da Capital, atores, malabaristas, músicos e ativistas teatrais mantêm acesa a chama da ocupação urbana. O fio condutor dessa jornada é justamente a inquietação: o que faz um artista escolher a rua? Por onde andam aqueles que marcaram época?

E o que a cidade perde quando seus palhaços deixam de atuar no asfalto?

A escolha pelo asfalto nunca é um atalho; é uma declaração de princípios. “Tem um senso comum de dizer ‘ai, que pena estar na rua’, nesse lugar marginalizado. Mas a rua é o maior dos palcos, o primeiro dos palcos. É uma escolha”, pontua a cirqueira Laura Fernandes, que atua há seis anos dividindo-se entre rodas de espetáculo e o trabalho direto no semáforo – um dos públicos e espaços mais desafiadores de todos. É essa mesma escolha que guiou gerações. Para o palhaço e músico Gabriel Chotguis Grillo, o Incrível Grillo – que iniciou nos semáforos em 2006 e integrou a Bandinha Di

Dá Dó –, estar na rua é acessar uma catarse única: “Depois que tu vives disso uma vez, se torna enlouquecedor não fazer mais isso. A rua realmente te reserva o inesperado que só ela pode oferecer. Lá estão as pessoas que não acessam qualquer outro local de consumo de cultura.”

Essa acessibilidade irrestrita é a espinha dorsal do circo urbano: não há horário marcado, poltrona numerada ou cobrança prévia de ingresso. Na mesma altura dos olhos, o executivo, a criança de colo e as pessoas em situação de rua compartilham a mesma gargalhada. É a utopia da convivência em uma cidade cada vez mais murada.

Leia mais na página central

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Folhetim e mitologia grega

O médico oncologista, bibliófilo e escritor Gilberto Schwartsmann tem se dedicado, nos últimos tempos, também à dramaturgia. Reuniu, neste ano, em um único volume, quatro peças que têm, como tema comum, o amor aos livros (Sulina), todas elas já encenadas: *Pequeno trabalho para velhos palhaços*, que se passa em um centro geriátrico; *Hetpamerion*, que ocorre em uma luxuosa mansão em Gramado, na Serra gaúcha, onde alguns ricos desocupados se refugiam durante a Covid-19 (alusão ao *Decameron* de Boccaccio, claramente), *Gabinete de curiosidades*, que apresenta a discussão entre oráculos gregos e, agora, recentemente apresentado no teatro do CHC Santa Casa, *A livraria do amor*. Dramaturgicamente, este é o texto mais amadurecido e melhor desenvolvido, escapando de citações e alusões explicitamente literárias, constituindo uma espécie de paráfrase e paródia aos velhos romances folhetins que se publicavam nos rodapés dos jornais, sobretudo na segunda metade do século XIX.

O enredo gira em torno de Perséfone (na mitologia grega, a deusa da agricultura e das flores), eterna apaixonada por Eurípides (dramaturgo grego a quem os historiadores atribuem a criação do drama contemporâneo), que, cansada de esperar em vão que o bem amado se declare a ela, decide aceitar o pedido de casamento de um lorde inglês que conheceu repentinamente. Quando ela vai visitar o amigo, para lhe comunicar a novidade, descobre que a livraria de Eurípides está semi-falida, mas que ele resiste a uma insistente proposta de venda vinda um desconhecido lorde inglês, Sir Leonard Thyphon (alusão a Tifão, deus mitológico dos ventos e tempestades). Perséfone revela-se excelente vendedora de livros, enquanto Eurípides, desconfiado, acaba descobrindo que o pretendente da sua amada (porque ele também ama Perséfone, mas não tem coragem de se declarar) é o mesmo comprador da livraria. Mais, é o antigo pretendente de Perséfone ainda dos tempos da escola, e que jurara vingança quando, renegado pela jovem, muda-se para Londres, onde abre uma grande cadeia de livrarias.

*Gilberto Schwartsmann
supera cacoetes de
obras anteriores e
garante passagens
absolutamente
engraçadas*

Obviamente que tudo evolui para uma solução adequada e positiva, num texto em que Perséfone perde seus recatos, convencendo Eurípides a fazer o mesmo e até imaginando um *ménage à trois* que inclui o antigo desafeto. Schwartsmann, neste texto, alcança excelente ritmo e cria situações engraçadas, sobretudo quando Perséfone tenta vender os livros aos visitantes da loja. Uma série de referências bibliográficas são trazidas à ribalta, mas como ilustrações engraçadas, como o caso do pretenso inglês que é um leitor fiel de Machado de Assis, mas desconhece William Shakespeare.

Zé Adão Barbosa volta a assinar e atuar em uma peça de Schwartsmann, interpretando Eurípides, ao lado de Arlete Cunha, como Perséfone. O cenário de Daniel Jainedine sugere os espaços de uma livraria, enquanto a iluminação de Vicente Vargas sublinha as variações de clima da peça. Os figurinos, do próprio grupo, fazem alusão ao século XIX.

Gilberto Schwartsmann supera alguns de seus cacoetes de obras anteriores e garante passagens absolutamente engraçadas, que provocam risadas descontraídas. A produção é despretenso, com evidente economia de intérpretes (nem o antagonista aparece em cena), mas a situação, longe de se tornar defeito, termina por constituir mais um elemento cômico da encenação. Zé Adão é um ator histriônico de excelente qualidade e Arlete Cunha uma intérprete que se adapta a toda e qualquer situação dramática, ambos acabando por valorizar ainda mais o texto.

A contribuição de Schwartsmann à dramaturgia sul-rio-grandense é muito pessoal e, por isso mesmo, deve ser valorizada e acompanhada. Completa, certamente, o conjunto de obras de prosa que ele tem oferecido ao público, dentre as quais *A amante de Proust*, que considero seu texto mais bem realizado, porque ironiza o conhecido homossexualismo do escritor francês e, ao mesmo tempo, permite ao autor aplicar seus conhecimentos profissionais de psicanálise. Schwartsmann tem muito a oferecer, sobretudo porque é um criador inteligente e muito bem informado, com sensibilidade para apresentar suas ideias.

acontece

ACERVO MARCELLO CAMPOS/DIVULGAÇÃO/JC



Casarão do Cabaré-cassino Club dos Caçadores, em estilo colonial, ficava na rua Andrade Neves

Prepare os pés: Porto Alegre tem duas caminhadas culturais pelo Centro Histórico neste sábado

Andressa Pufal

Neste sábado, Porto Alegre será agraciada com duas programações que contam a história da cidade e de seus personagens através de roteiros a pé. As caminhadas guiadas ocorrem em celebração ao Dia do Patrimônio, comemorado em 17 de agosto. Às 10h, partindo do Theatro São Pedro, a história do dramaturgo Qorpo Santo será contada a partir dos locais que inspiraram suas obras. Depois, às 14h30min, ocorre uma caminhada pelos Becos e Cabarés da Porto Alegre Antiga, partindo do espaço Força e Luz, que está promovendo o evento. As duas atividades são gratuitas, mas a segunda necessita de inscrição prévia, por meio de formulário disponibilizado nas redes sociais da instituição.

O Espaço Força e Luz (Rua dos Andradas, 1.223), ponto de partida para a caminhada da tarde, promove uma imersão na memória, arquitetura e história social do centro de Porto Alegre. Guiados pela arquiteta e urbanista Ana Luiza Koehler, os participantes percorrerão a Rua dos Andradas e a Praça da Matriz. Relatos e imagens da época vão ajudar a reconstruir as histórias de lugares emblemáticos na história boêmia da cidade, como o Largo dos Medeiros, o antigo Club dos Caçadores e o Beco do Leite. Haverá espaço também para visualizar parte das narrativas de populações marginalizadas, que frequentava aquela região e tiveram importante papel na construção social de nossa cidade.

Qorpo Santo, por sua vez, foi o autor escolhido para a primeira edição do projeto Caminhos Literários da Biblioteca

Pública do Estado. A iniciativa, que conta com apoio da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), busca mostrar que a literatura pode ser lida fora dos livros, percorrendo espaços públicos que ajudaram a fundar grandes obras gaúchas. O roteiro terá como guia o ator e diretor Zé Adão Barbosa, reconhecido por sua trajetória no teatro gaúcho e por ter levado aos palcos montagens das obras de Qorpo Santo. A caminhada começa às 10h, com ponto de encontro no Theatro São Pedro (Pça. Marechal Deodoro, s/n), diante do qual se discute a distância entre o teatro institucional e a dramaturgia radical proposta pelo autor.

Depois, o roteiro segue para a Biblioteca Pública do Estado, criada em 1871, quando o escritor ainda estava em plena atividade intelectual. O percurso segue até a esquina das ruas General Câmara e dos Andradas, onde funcionou a tipografia montada por Qorpo Santo, em 1877, para imprimir seus próprios textos, em um gesto de resistência diante da censura e da incompreensão da sociedade em que vivia.

Na sequência do passeio guiado, os participantes caminham até a Rua Vigário José Inácio, antigo Beco do Rosário, local onde o escritor viveu e escreveu parte de sua obra, incluindo a peça *As Relações Naturais*. A última parada acontece na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, instituição ligada ao processo que resultou em sua interdição judicial, episódio que marcou profundamente sua trajetória pessoal e literária. Anos depois o diagnóstico foi revisto pelos médicos, mas Qorpo Santo jamais conseguiu reverter o estigma da insanidade.

fique ligado

Oito décadas de Martinho da Vila em show no Araújo Vianna

O cantor e compositor Martinho da Vila retorna a Porto Alegre neste sábado, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com repertório de sucessos como *Canta Canta*, *Minha Gente*, *Disritmia*, *Devagar*, *Devagarinho* e *Mulheres*. O show celebra os 59 anos de carreira do artista, que recente-

mente comemorou 80 anos de vida com um CD/DVD ao vivo. Os ingressos custam entre R\$ 170,00 e R\$ 560,00 na plataforma Sympla ou na bilheteria oficial.

Surgido em 1967, quando participou do II Festival da Record, o sambista hoje possui mais de 50 discos gravados, é

autor de inúmeros samba-erredos da Unidos de Vila Isabel, e suas composições já foram interpretadas por diversos ícones da música brasileira, como Beth Carvalho, Alcione e Zeca Pagodinho. Martinho também é vencedor de quatro Grammy Latino, o mais recente com o disco *Negra Ópera*, lançado em 2023.

LEO AVERSA/DIVULGAÇÃO/JC



Apresentação neste sábado celebra os quase 60 anos de carreira com uma seleção dos maiores sucessos do sambista

Artista catalão Jordi Bertran se apresenta no CHC Santa Casa

O marionetista catalão Jordi Bertran faz sua primeira apresentação em Porto Alegre neste sábado, às 20h, no CHC Santa Casa (Independência, 75), com o espetáculo *Clássics*. O show conta com seleção de cenas com bonecos criados ao longo de quase cinco décadas de carreira e tem entrada franca, com retirada de ingressos pelo Sympla. A data também marca o lançamento do edital do Festival de Teatro de Bonecos, que selecionará espetáculos e premiará trajetórias de bonequeiros gaú-

chos no Teatro dos Bancários RS, entre outubro e dezembro.

Bertran já se apresentou em mais de 50 países, sendo reconhecido por prêmios como o Serra d'Or da Crítica e o Applause FAD, e está no Brasil para dirigir uma nova montagem do espetáculo *TIM Marionetes 70 anos*. Já o edital do festival, com inscrições a partir deste sábado e até 30 de agosto, prevê ainda premiações em homenagem às bonequeiras gaúchas Graziela e Tânia de Castro Saraiva.

The Moscow Ballet celebra a riqueza estética e histórica da dança clássica

A companhia The Moscow Ballet retorna ao Brasil, após temporada de sucesso no país no ano passado, e apresenta o espetáculo *Gala Concert* neste domingo (16), às 19h, no Teatro Fieggs (Assis Brasil, 8787). Liderada pela bailarina Oksana Bondareva, vencedora do Prêmio Capri 2025, a produção reúne oito solistas internacionais em um programa inédito

que celebra a excelência técnica, a expressividade artística e a riqueza histórica da dança, além de percorrer trechos de *O Lago dos Cisnes*, *A Bela Adormecida*, *Raymonda*, *O Corsário* e *La Sylphide*. Bondareva também assina a direção artística da produção ao lado de Andrey Lyapin. Ingressos entre R\$ 150,00 e R\$ 380,00, disponíveis pelo Sympla.

Octávio Mendes traz *Irmã Selma* aos gaúchos

O ator Octávio Mendes apresenta o espetáculo *Irmã Selma*, que ele também escreve e dirige, em duas datas no Rio Grande do Sul: neste sábado, às 18h, no Teatro Sesc Canoas (Guilherme Schell, 5.340 - Canoas), e no domingo, às 19h, no Teatro Hebraica Porto Alegre (João Telles, 508). O monólogo reúne personagens que marcaram a carreira do ator, entre eles a freira humorista Irmã Selma, revelada no espetáculo *Terça Insana*. Os ingressos custam a partir de R\$ 30,00 em Canoas, pelo site do Sesc-RS, e a partir de R\$ 45,00 em Porto Alegre, pelo Tri.RS.

Formado pela Escola de Arte Dramática da USP, Octávio Mendes atuou em novelas como *Mulheres Apaixonadas* e *Da Cor do Pecado*, na Rede Globo, além de *O Direito de Nascer*, no SBT, e integrou o elenco do programa *A Praça é Nossa*. Já a peça *Irmã Selma* ficou dois anos em cartaz no Teatro Gazeta, em São Paulo, e agora segue em turnê pelos palcos do Brasil.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 14 DE AGOSTO

🕒 **19h** - Maurício Chaise toca Locomotores e clássicos do rock brasileiro dos anos 1970 no Bar Tutti Giorni (Borges de Medeiros, 710). Entrada franca.

🕒 **20h** - Novo espetáculo da Cia. Reverbo, *AUTODescrição - Tudo o que eu não vejo* faz uso da audiodescrição como dispositivo dramático. No Teatro de Câmara Túlio Piva (República, 575). R\$ 50,00 no Sympla. Repete sábado (20h, com audiodescrição) e domingo (18h).

🕒 **20h** - Montagem *O Profeta Louco*, com Juliano Passini, cumpre temporada no Teatro Renascença (Erico Verissimo, 307). A partir de R\$ 30,00 no Sympla. Repete sábado (20h) e domingo (18h).

🕒 **21h** - Protagonizada por Luiz Fernando Guimarães, peça *Baixa Sociedade* está no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80). A partir de R\$ 50,00 no site Uhuu e na bilheteria do teatro. Repete sábado (21h) e domingo (19h).

🕒 **21h** - Hard Blues Trio celebra 10 anos em show com convidados e jams no Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 30,00 no Sympla.

🕒 **21h** - Banda Maria do Relento celebra sua trajetória no rock gaúcho com a turnê *32 Giros*. No Opinião (José do Patrocínio, 834). A partir de R\$ 70,00, em segundo lote, no Sympla.

🕒 **21h** - Sexteto Blazz volta ao Café Fon Fon (Vieira de Castro, 22) com o show *Jazz Modal*. Participação especial de Bethy Krieger. Ingressos pelo site cafeffonfon.com.br. Reservas em (51) 99880-7689.

SÁBADO, 15 DE AGOSTO

🕒 **10h30min** - Margs abre mostra *Projeto releitura (1986-1987) - O gesto de ver outra vez*, que revisita iniciativa dos anos 1980 a partir de obras icônicas do acervo. De terça a domingo, 10h às 19h. Gratuito.

🕒 **11h** - Série Concertos Capitólio traz conjunto de câmara Quinteto Persch, formado por cinco acordeonistas. Na Cinemateca Capitólio (Demétrio Ribeiro, 1.085). Entrada franca.

🕒 **Das 12h às 21h** - Festival Barra&Brasa reúne música ao vivo, gastronomia e atrações para toda a família no estacionamento do BarraShoppingSul (Diário de Notícias, 300). Shows de Duca Leindecker, Maskavo, Carlinhos Carneiro e Rock de Galpão, entre outros. Entrada gratuita, com consumo em bar e restaurantes mediante pagamento. Repete domingo, 12h às 21h.

🕒 **16h** - Arquipélago comemora 20 anos com lançamento em Porto Alegre de *O Algoritmo Sou Eu*, livro de crônicas de Martha Batalha. Sessão de autógrafos e bate-papo da autora, mediado por Lu Thomé. No Goethe-Institut (24 de outubro, 112). Livre.

🕒 **18h** - João Pedro Marchi lança livro *Sálvias Vermelhas & Outros Poemas*. No Kafka Bar & Cultura (Andradas, 243). Livre.

🕒 **20h** - Grupo Desagravo faz show de lançamento do álbum *Pelo escuro - letra e música (vol. 1)*, baseado na obra de Oliveira Silveira e que transita por gêneros como milonga, chamamé, samba e candombe. No Teatro Bruno Kiefer da CCMQ (Andradas, 736). Gratuito, com distribuição de senhas uma hora antes do espetáculo.

🕒 **20h** - Companhia de Ópera do RS luta contra a violência à mulher com nova temporada de *Pagliacci* no Teatro Simões Lopes Neto (Riachuelo, 1.089). A partir de R\$ 60,00 no site do Teatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete domingo, 20h.

🕒 **20h** - Tasha e Tracie, vozes de destaque do rap e funk, se apresentam no Opinião (José do Patrocínio, 834). R\$ 95,00 (modalidade solidária, com doação de 1kg de alimento não-perecível), no Sympla.

🕒 **20h** - Monólogo sobre a vida de Bette Davis, peça *O diabo em Mrs. Davis* está no Teatro Nilton Filho (Grão Pará, 179). R\$ 100,00 na bilheteria, com opções de meia-entrada. Repete domingo, 17h.

🕒 **20h** - Novo espetáculo do Uta Teatro, *A Filha da Terra e o Filho do Dono* investiga a história e as consequências da escravidão no sul do Brasil. No Galpão Floresta Cultural (Conselheiro Travassos, 541). Entrada franca, com retirada de senhas 1h antes da apresentação. Repete domingo, 20h.

🕒 **20h30min** - Festa Reflektor completa 2 anos no Hum. Espaço Multiuso (Rua da Conceição, 15), com show da banda The Moretis (especial The Strokes) e DJs. Ingressos no Sympla a partir de R\$ 30,00.

🕒 **21h** - Jornalista, escritor e músico Nando Gross sobe ao palco do Espaço 373 (Comendador Coruja, 373) para lançamento do álbum *Qualé*. De R\$ 35,00 a R\$ 80,00 no Tri.RS.

🕒 **21h** - Marcelo Astiazara se une à banda Pata de Elefante e convidados para o espetáculo *Especial Rock 50's*, que celebra os artistas que mudaram para sempre a história da música. No Grezz (Alm. Barroso, 328). A partir de R\$ 20,00 no Sympla.

reportagem cultural

A engenharia da palhaçaria

Gabrieli Silva*

Para compreender a gênese do *clown music* em Porto Alegre, é preciso voltar aos anos 2000, quando o nomadismo circense e a efervescência noturna da cidade se cruzaram. O “arquiteto” dessa sonoridade é Mauro Bruzza. Criado sob a influência do avô carpinteiro e da avó compositora, Bruzza uniu a precisão das ferramentas ao espírito da palhaçaria.

A Bandinha Di Dá Dó nasceu nos bastidores do Cabaré Valentin, tradicional espetáculo de variedade artística criado pelo Circo Híbrido. Bruzza (Maestro Cotoco), tocava acordeão quando juntou-se ao baixista Thiago Ritter (Teimoso Teimosia), ao guitarrista Magnus Viola (Magnetus) e ao saxofonista chileno Cristian Quiñones (Fofucho). Faltava um baterista. Foi quando Paulo Zé Barcellos (Zé Docinho) apareceu no estúdio para resolver pendências e acabou assumindo as baquetas, selando uma sintonia imediata. Mais tarde, Gabriel Grillo (Úrsulos Invisível) assumiria a guitarra no período de maior apogeu do grupo.

“Tocávamos muito mal, mas o pessoal gostava. O próprio público do cabaré nos batizou: ‘Cadê aquela bandinha di dá dó?’”, recorda Mauro. A Bandinha ergueu uma linguagem musical universal: um turbilhão bem-humorado que misturava rock cigano do leste europeu, sonoridades étnicas, trilhas de Fellini e Nino Rota, tango argentino, psicodelia dos anos 1970 e ritmos brasileiros. Embora tenha feito história nas calçadas e praias – como na temporada em Guara-pari (ES), com 45 shows em um mês –, a Bandinha era uma banda de palco feita para arrebatrar mul-

tidões. Nos festivais Psicodália e Morrostock (este idealizado por Zé Barcellos), a banda fechava as noites após ícones como Os Mutantes, Jethro Tull e Jorge Ben Jor.

Ao som de “Eu não posso mais parar, ninguém vai me segurar / É uma mania que tenho, a mania de cantar para você, para nós, para o povo”, idosos, crianças de colo e jovens de diferentes grupos urbanos ocupavam a mesma área, em uma dinâmica impulsionada pelas apresentações do quarteto de palhaços.

A apoteose das apresentações acontecia sob a condução do Maestro Cotoco que, entre as notas de acordeão, interrompia a execução musical para perguntar à plateia se ela o seguraria caso ele pulasse do palco. A multidão respondia abrindo um corredor de braços erguidos e mãos estendidas. Mauro então se jogava e navegava sobre o público sustentado pelas mãos dos espectadores, ponto máximo de integração entre a banda e o público.

A trajetória do grupo passou por modificações com o advento da pandemia e a reestruturação geográfica dos seus integrantes. Thiago Ritter mudou-se para São Paulo, enquanto Paulo Zé Barcellos e Gabriel Grillo permaneceram em Porto Alegre. Com a ida posterior de Mauro Bruzza para a Europa, a Bandinha Di Dá Dó entrou em um hiato no Brasil. Apesar dessa pausa na formação original, o repertório segue vivo no circuito europeu por meio da Banda Bandida, fundada por Bruzza na Espanha como uma espécie de “cover de si mesmo”.

Paralelamente à trajetória coletiva, Mauro Bruzza deu vida ao Homem Banda, projeto iniciado em 2007 que sintetizou toda a sua história pessoal e artística. Fruto de um longo processo de tentati-

Surgida nos bastidores do Circo Híbrido, a Bandinha Di Dá Dó marcou época e levou sua *clown music* para todo o Brasil

va e erro, a engrenagem sonora tomou forma enquanto ele residia em uma chácara em Minas Gerais.

O instrumento é um verdadeiro prodígio da mecânica popular e da artesanaria cênica: acionados por cordas estrategicamente presas aos pés, soam o bumbo, a caixa de bateria e o chimbale (hi-hat); um movimento preciso de cotovelo dispara o prato de ataque; o dobrar das articulações dos joelhos aciona as buzinas; enquanto a boca sopra o kazoo, apitos variados e a gaita de boca, e as mãos dedilham o acordeão à medida que a voz conduz a canção. Toda essa parafernália fica acoplada ao corpo por um sistema de engates e mosquetões apoiados na lombar e nos ombros, permitindo que a estrutura seja colocada e retirada com rapidez sem limitar os movimentos do artista.

“O palhaço é uma lente de aumento do que a gente tem de mais puro. É o eu aumentado e exibido”, define Bruzza, ao explicar como a figura do Homem Banda uniu suas memórias de infância, a oficina do avô carpinteiro, o artesanato em arame e a presença cênica lapidada na palhaçaria.

Essa complexa engrenagem encontrou seu campo de testes diário nas calçadas de Porto Alegre. Entre 2011 e 2014, o Brique da Redenção virou o grande laboratório vivo do artista. Ao lado da companheira Mariana Ferreira – com quem fundou a Companhia Um Pé de Dois, posteriormente rebatizada como Companhia Amaruá –, a rotina era de operário da arte: Mauro chegava à Redenção pontualmente às 7h da manhã, antes do fechamento da rua, para descarregar estruturas pesadas de som, picadeiro, pano de fundo e banquinhos de paleta adaptados para as crianças sentarem. Amarrava seus três cães

ao lado do cenário, ia estacionar o carro e retornava para montar tudo a tempo de começar a trabalhar, por volta das 10h30min.

A jornada matutina contava com três a quatro sessões de 40 minutos do Homem Banda. Após o intervalo do almoço, Mariana se juntava a ele para mais três sessões do espetáculo *Ao Divagar Se Vai Longe, De Bicicleta Mais Ainda*. No total, faziam de sete a oito apresentações em um único domingo.

“Ali era minha escola. Eu fazia o primeiro espetáculo, provava uma piada nova, via se o tempo estava errado e já corrigia na sessão seguinte”, lembra Mauro. Além do aprimoramento técnico e da criação de um público fiel de famílias, a rua cumpria seu papel social irrestrito e democrático. “Os moradores de rua ficavam o dia inteiro assistindo a um espetáculo atrás do outro. Às vezes ajudavam, às vezes atrapalhavam, mas faziam parte”.

No entanto, a decisão posterior de migrar a atuação principal da rua para palcos contratados, editais e, eventualmente, para o circuito europeu envolveu uma leitura fria das transformações sociais, tecnológicas e econômicas do Brasil. Bruzza pontua que o avanço das redes sociais e das telas de celular mudou a relação de encantamento da plateia com a novidade e com o tempo de contemplação. Se antes ver um Homem Banda ou um malabarista de fogo na praça era um acontecimento exclusivo, a rápida fruição do entretenimento digital viciou o público em estímulos efêmeros. “As pessoas já não se permitem ficar 40 minutos assistindo. Querem tudo muito rápido.”

Somaram-se a esse cenário a inflação, o encarecimento contínuo do custo de vida e a transição acelerada do dinheiro físico para

as carteiras digitais, que exigiu que os artistas passassem a levar máquinas de cartão de crédito e chaves Pix impressas para o meio do parque. Ainda assim, a conta parou de fechar para quem precisava sustentar um núcleo familiar dependendo unicamente das moedas no chapéu ao final do show.

“Eu vivi da rua só enquanto era guri e dividia casa. Quando você começa a se responsabilizar por um organismo familiar, a rua no Brasil não sustenta. Você precisa vender espetáculos para Sesc, prefeituras e festivais”, explica.

Apesar de residir atualmente no litoral da Espanha – onde mantém a tradição cênica ao cumprir temporadas diárias de apresentações de praia durante o verão europeu –, Mauro Bruzza defende com veemência que a arte de rua no Brasil precisa ser encarada como uma escolha profissional estruturada, e jamais como mero improviso ou falta de opção.



“A gente não pode negar que tem uma criança chorando ou que houve uma explosão. Não pode ter uma quarta parede. O artista assiste ao público enquanto o público assiste ao artista”

— Mauro Bruzza



Bruzza criou uma intrincada engrenagem sonora para seu Homem Banda



Gabrieli Silva é repórter freelancer e fotojornalista, com atuação nas áreas de economia, cultura e impacto social.

Pluralidade de linguagens

A herança deixada pelos veteranos ecoa diretamente na nova geração que hoje ocupa os parques e praças de Porto Alegre. O ecossistema atual é um mosaico híbrido onde a palhaçaria dialoga com o teatro de rua ativista e o infantil, a música instrumental, a acrobacia e a performance solo.

Nessa cena em constante renovação, despontam trajetórias que unem a pesquisa cênica ao improviso das calçadas. É o caso de Felipe Mendes, artista que compõe a nova geração circense ao lado de Laura Fernandes como o Palhaço Bigo. Ambos trazem na bagagem referências históricas como Fábio Castilhos e Melissa Dornelles (pioneiros na formação da palhaçaria local, com quem também estudaram Mauro e Grillo). Após viajar o País com uma trupe mambembe e vivenciar o treinamento intensivo na Casa Circo, em Belo Horizonte, o artista consolidou-se no asfalto com o solo *Metáforas da Vida* e, posteriormente, em parceria com Laura no aclamado *Os Encrencados*.

“Na rua, o público jogando junto é uma lei. No teatro tradicional, a gente é espectador de uma luz no palco; na rua, tu olhas no olho de cada um, tu vês e és visto. Um espaço onde não estava acontecendo nada vira um lugar de criação viva”, destaca o performer.

Um dos nomes atuantes dessa continuidade é Lipsen Gaitero. Bacharel em teatro e mestre em artes cênicas, Lipsen começou em Nova York, em 2012, tocando acordeão para pagar as contas. Quando desembarcou no Brique da Redenção em 2013, percebeu que o público não queria apenas ouvir a música e ir embora; as pessoas paravam para escutar. “Meu show deixou de ser só um músico tocando e passou a ser o ator que usa a gaita para entreter. Dizem que sou um palhaço sem nariz”, revela Lipsen. Seu espetáculo é uma construção narrativa precisa: abre com músicas instrumentais, mergulha em arranjos de Lady Gaga e Freddie Mercury, e entremeia reflexões ácidas sobre a vida urbana.

Se para Lipsen a rua é o espaço da virtuosidade musical e do riso, para Danielle Rosa e Sandro Marques a calçada é trincheira. Com 30 anos de atuação na rua e formação com a Tribo de Atuadores Ôi Nóis Aqui Traveiz e a Cambada de Teatro em Ação Direta Levanta Favela, a dupla de ativas cênicas pratica um teatro popular de corte profundamente político. “Nossos ensaios duram seis meses diários, e o improviso é trabalhado durante um ano. A rua atinge um público popular que jamais pisará em uma sala de teatro fechada”, afirma. O gru-



Gustavo Thomé é um dos artistas que encantam o povo na Redenção: ‘viver da arte de rua é um exercício de fé’

po enfrenta o clima e as patrulhas ideológicas com montagens contundentes – como o espetáculo *Populares Temem Invasão das Salsichas Gigantes*, que resultou na primeira pessoa atuando no teatro de rua a concorrer e vencer o Prêmio Açorianos de Melhor Ator.

Na vertente do circo clássico de rua, o artista Gustavo Thomé representa a busca pela precisão técnica aliada ao carisma da praça. Iniciado no circo em 2009 no litoral gaúcho e lapidado em mais de 15 convenções internacionais, Thomé faz do malabarismo, do equilíbrio e da palhaçaria um exercício de presença viva. “Viver da arte de rua é um exercício de

fé. A gente acredita que as pessoas vão parar, acredita que não vai chover e que o mundo não é feito só de preços, mas de valores. Na rua, o público faz metade do espetáculo”, diz Thomé.

Hoje, os artistas que traba-

ham na Redenção mantêm um pacto de cavalheirismo sonoro: organizam-se em horários alternados, negociam intervalos de 30 a 40 minutos para não sobrepor a amplificação e respeitam o rodízio das sombras das árvores.



Lipsen adaptou seu espetáculo à realidade da praça: ‘dizem que sou um palhaço sem nariz’

Uma cidade em constante disputa

Apesar da poética do encontro, a vida no asfalto é atravessada por severas contradições econômicas, climáticas e sociais. A imagem romantizada do artista mambembe confronta-se diariamente com a dureza dos boletos, a hostilidade do espaço urbano e a precarização das políticas públicas.

Um dos recortes mais urgentes e invisibilizados da cena de rua é a questão de gênero. Traba-

lhar na calçada exige um estado de vulnerabilidade que ganha contornos dramáticos quando experimentado por corpos femininos. “É raríssimo ver uma mulher apresentando solo na rua”, acentua a cirqueira e malabarista Laura Fernandes. “Quase sempre elas estão acompanhadas de um parceiro homem. Quando eu terminei o relacionamento com meu ex-companheiro, de repente

me vi com o meu material parado, perguntando: o que torna a rua um espaço tão hostil para nós?” A artista lembra a tragédia de Julieta Hernández, a palhaça venezuelana Jujuba, assassinada em 2023 enquanto viajava de bicicleta pelo Brasil. Julieta dizia que a maior beleza da rua eram as pessoas e a incerteza – e que a maior dificuldade da rua eram, exatamente, as pessoas e a incerteza.

“O palhaço lida com o fracasso, com o ser tonto e vulnerável”, segue Laura. “Para um homem, acessar esse lugar de bobó é fácil, porque o lugar de poder dele na sociedade já está assegurado. Para uma mulher, primeiro tu precisas construir uma validação e um respeito perante a sociedade para só depois poder brincar com o fracasso.” Além disso, a divisão desigual do trabalho de cuidado e da maternidade afasta as mulheres da itinerância do chapéu.

Essa vulnerabilidade é agravada pelo estrangulamento financeiro. Gabriel Grillo aponta a queda

drástica nos ganhos da rua: se até o ciclo econômico de 2016 ele chegava a arrecadar R\$ 70,00 por dia tocando violino sobre o monociclo nos semáforos da Capital, hoje o retorno despencou para cerca de R\$ 30,00 diários, quando muito. “Se chove no domingo, é um dia de prejuízo e de contas acumuladas”, desabafa Grillo, que precisou recorrer à produção caseira de pães para conseguir fechar o mês.

Para tentar equilibrar a balança, os artistas têm enfrentado uma crescente formalização burocrática. Para além da habilidade no picadeiro, é preciso aprender a “se vender”: abrir MEI, emitir notas fiscais, obter o registro profissional e dominar a escrita de projetos para editais públicos e festivais corporativos. Embora abra portas, o trabalho burocrático diante do computador afasta os criadores do contato vivo com o público da rua.

A relação com o poder público municipal oscila entre a negligência e a burocracia restritiva. Embora Porto Alegre conte com a

Lei do Artista de Rua – que garante a apresentação em logradouros públicos sem necessidade de alvará –, a fiscalização e os processos de gentrificação criam territórios velados de exclusão. Artistas relatam entraves para atuar na renovada Orla do Guaíba, escassez de infraestrutura básica no Parque da Redenção (que passou anos sem bebedouros funcionais) e o fim de programas históricos de incentivo, como a Descentralização da Cultura e a Mostra de Teatro de Rua. “Não existimos para as políticas públicas; apenas não nos proibem”, sintetiza Grillo. Danielle Rosa é ainda mais contundente: “Porto Alegre hoje é um nicho fechado para a cultura de rua, sem políticas e sem valorização.”

O que se perde, afinal, quando o circo e a palhaçaria são expulsos da cidade? Perde-se a cor, a espontaneidade e os raros momentos de convivência comunitária no espaço público. “Onde não existe um espetáculo, a violência é o espetáculo”, alerta Mauro Bruzza.



Laura Fernandes aponta a vulnerabilidade das mulheres que atuam na rua

nas telas



Acampamento Miasma explora bastidores sombrios de uma franquia de terror

Revivendo um cenário de terror

Mais novo terror de Jane Schoenbrun, *Acampamento Miasma: Adolescência, Sexo e Morte* traz como protagonistas Gillian Anderson (famosa pelo papel na série *Arquivo X*) e Hannah Einbinder (vencedora do Emmy por *Hacks*). Depois de anos de sequências desleixadas e um fandom em declínio, a franquia slasher *Acampamento*

Miasma é entregue a uma jovem e entusiasta diretora para seu renascimento. Mas quando ela visita a estrela do filme original, uma atriz agora reclusa e envolta em mistério, as duas mulheres mergulham em um mundo de sangue, desejo, medo e delírio. O longa abriu a mostra *Un Certain Regard*, do Festival de Cannes, em 2026.

Memória e resistência à ditadura

Fusão entre documentário e ficção, o longa *Honestino*, de Aurélio Michiles, conta a história de Honestino Guimarães, líder estudantil da geração 1968, presidente da UNE e aluno da UnB. Preso cinco vezes por sua militância, Honestino foi sequestrado em 1973, aos 26 anos, e é uma das centenas de desaparecidos da ditadura mili-

tar. Baseado em cartas, poemas e imagens de arquivo, dezenas de depoimentos de familiares, amigos e militantes e cenas interpretadas por Bruno Gagliasso, *Honestino* propõe uma reflexão sobre o apagamento de memórias e a importância de preservar os relatos daqueles que viveram e resistiram à repressão.

Reinventando a lenda

Dirigido por Michael Sarnoski, *A Morte de Robin Hood* reimagina de forma crua e subversiva os últimos anos de vida do herói mais famoso da Inglaterra medieval, interpretado por Hugh Jackman. No lugar do fora da lei generoso que rouba dos ricos, o filme apresenta um velho guerreiro encurralado pelo próprio passado de violência. Atormentado pelas cicatrizes de

uma vida marcada pelo crime, Robin Hood sobrevive por pouco àquela que acreditava ser sua batalha final. Gravemente ferido, o arqueiro é encontrado por uma mulher misteriosa que o recolhe das sombras e passa a cuidar de seus ferimentos. Com o corpo fora de combate, cada erro cometido no passado volta para assombrá-lo.

palavras cruzadas diretas

Tipo de incremento progressivo resultante dos investimentos na área tecnológica	Bancada da (?): atua, Dar os retoques finais	Rejeitados no Congresso, pelo fim do Estatuto do Desarmamento		Dispositivo de localização de objetos			Livro de Erasmo de Roterdã que influenciou Martinho Lutero
				Safety (?), veículo que entra na pista de F1 em caso de acidente			
Encargo; tarefa							
Antigo presídio no litoral fluminense, nele esteve encarcerado Madama Satã		(?) Niña, fenômeno climático do Pacífico		Amapá (sigla)		"Quid (?)" quo": uma coisa pela outra (lat.)	
Ataque do jagunço					Sucesso da banda Ultraje a Rigor		
			O (?) do Povo: a religião, para Marx			Marca das ações do sociopata	
"(?) Teológica", obra de São Tomás de Aquino		Lentidão Mato Grosso do Sul (sigla)		(?) Ángeles, bairro de Madrid		Letra grega da proporção áurea (Mat.)	
O inferno (poét.)				Meta do investidor no mercado financeiro			
		"A política é a arte do (?)", frase de Otto von Bismarck				Emitir som alto Início da viagem	
Antonio Vivaldi, compositor italiano							
				Letra com a forma de uma cantoneira Extremidade superior do pulmão (Anat.)		O cheque usado em crediários (red.)	
90 (?), indicação no ponto central do transferidor					Bandeira a meio (?), indicação de luto		
Rio londrino		Cartão (?), identificador de celulares		Universidade de Massachusetts			Pilar da cultura hip-hop Acolá
O (?) da MPB: Tim Maia			"Bel (?)", romance de Mau-passant		Emirados Árabes Unidos (sigla)		
Domínio inconsciente do idioma (Ling.)						(?) -line: conectado à internet (ing.)	

BANCO 2/on. 3/ami — car — mt — pro. 4/orco. 15/círculo virtuoso. 8

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesso nosso site!

COQUETEL

@coquetel /editoriaCoquetel

Solução												
V	I	C	N	E	T	E	P	M	O	C		
R	T	O	C	I	D	N	I	S				
U	V	E	I	M	V	S	O					
C	R	P	A	P	D	V	U					
U	V	P	V	S	I	M	V	T				
O	Z	T		S	U	V	R	G				
T	E	A	I	S	S	O	P	I				
V	I	T	O	V	R			V	A			
O	R	C	U	T		O	C	R	O			
I	F		N	S	W	V	T					
G	O	I	D	O	V	W	N	S				
O	R	P	V	D	V	T	I	C				
T	V	R	V	T		T	R					
E	D	N	V	R	G	V	H	T	I			
V	I	C	N	E	B	W	U	C	N	I		
R				N								

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

- Áries:** Diga o que você sente e o que deseja para a pessoa amada. Ela precisa saber e você precisa comunicar o que quer. Dê forma concreta por meio de gestos a seus sentimentos.
- Touro:** Arrume sua casa não apenas no sentido prático, mas dando a ela toques especiais de beleza. Faça o mesmo com as relações familiares, dando a elas charme e encanto.
- Gêmeos:** É tempo de você estar cheio de estilo e encanto junto às pessoas queridas. Procure levar alegria e positividade para as pessoas. Crie um ambiente positivo com as pessoas.

- Câncer:** Usufrua os pequenos luxos que puderem ser vividos junto à família. Há bens de valor que, ao serem usados, lhe darão uma sensação positiva de força e valor próprio.
- Leão:** É tempo de comunicar seu brilho vital e sua força pessoal. Estes atributos são melhores comunicados por gestos concretos e pelo total do comportamento.
- Virgem:** Assumir suas motivações e vontades é algo muito construtivo neste momento. Sua inteligência favorece encontrar meios para mostrar de modo concreto o que você quer.

- Libra:** Você se comove com alguns amigos, o que faz com que vocês se aproximem. A partir disso, você poderá querer ajudá-los ou fazer algo de prático em favor deles.
- Escorpião:** Este é um dia para você fazer valer seus talentos e valores na atuação profissional. Um trecho complicado no trabalho precede a afirmação de suas melhores motivações.
- Sagitário:** Partilhe seus melhores valores, ideais e conselhos com os amigos, seja uma presença positiva no ambiente de trabalho e no cumprimento de suas obrigações sociais.

- Capricórnio:** Você se inspira para perceber possibilidades para seu futuro. Mas antes de tentar realizá-las, limpe o terreno e abra o campo para o futuro: elimine o que não serve.
- Aquário:** As parcerias e a relação a dois começam a se redefinir em novos termos. Cuide dos aspectos mais concretos e íntimos da vida a dois, de modo a renovar o relacionamento.
- Peixes:** É tempo de redefinir quais pessoas e atividades lhe motivam realmente a viver e trabalhar. Uma parceria de trabalho se define como importante em seus projetos.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Amor, desejo e sexo no cativoiro

Qual a diferença entre amar e desejar alguém? A intimidade atrapalha a paixão? Depois do passar dos anos e do nascimento dos filhos é possível manter a chama vermelha do desejo junto com a chama azul do amor no casamento? Como lidar com a infidelidade e com o proibido nestes tempos libertários pós-revolução sexual e pilula anticoncepcional?

Essas e outras questões candentes e relevantes estão no clássico moderno *Sexo no cativoiro* - *Como manter a paixão nos relacionamentos* (Editora Objetiva, 240 pág, R\$ 79,90), da consagrada psicoterapeuta e escritora Esther Perel, considerada pelo The New York Times como a maior especialista do mundo em relacionamentos e que mudou a busca dos casais pelo desejo. A edição atualizada comemora os 20 anos do lançamento do livro que inicialmente circulou com discrição e depois foi publicado em dezenas de países, tornando-se *best-seller* internacional.

Perel não se considera pro-

priamente romântica, mas é otimista e realista ao ponto de pensar que é possível manter a paixão em longos casamentos, desde que haja envolvimento, atenção e que o erotismo seja alimentado. Em seu trabalho, Perel desafia uma das instituições mais clássicas da história da humanidade: o casamento sem sexo, como disse a lendária revista The New Yorker.

Perel não enfatiza dados estatísticos e numéricos e não está preocupada em saber quantas vezes as pessoas transam por mês ou quantos orgasmos têm. Perel, com décadas de rica experiência clínica e participação em palestras no TED e atuação com podcasts, trabalha com histórias de pessoas e casais e procura respostas para perguntas difíceis sobre sexo, proibição, excitação e modos de viver relacionamentos na atualidade.

Segurança minando o erotismo, sexo e intimidade, ciladas do casamento, democracia versus sexo quente, sexo com



quem se ama, matrizes eróticas, filhos, carne e fantasia, infidelidade e apimentar de novo o sexo estão nos 11 capítulos do livro ousado, claro e provocativo que consolidou Esther como terapeuta e auxilia, há 20 anos, milhões de pessoas a buscar (e encontrar) sexo excitante e divertido no casamento.

e palavras...

CHEGAR BEM AOS 100 ANOS

Perguntaram a um homem de 112 anos, então reconhecido como o mais velho do mundo, o que era preciso para chegar a tal idade. "É necessário estar vivo", disse ele, que morava sozinho em Nova York, acordava às cinco da manhã, fazia exercícios, se alimentava frugalmente e tinha uma vida terrivelmente espartana no resto do dia. Humor à parte, além de estar vivo, para chegar (ou tentar chegar) bem aos 100 anos a gente sabe que precisa de DNA, sorte e umas coisinhas que andam falando por aí.

A quase quatrocentona Universidade Harvard pesquisou dois grupos diferentes de pessoas, da juventude à morte, para estudar vida saudável, longevidade e felicidade. Exercício físico, alimentação equilibrada, sono reparador e saúde mental e emocional (mente e propósito) são os quatro pilares mais aceitos para viver mais e melhor, descobriam. Se Harvard tivesse estudado nossa Veranópolis, Capital da Longevidade, por algumas semanas, teria gastado menos tempo e dinheiro e chegado a conclusões muito parecidas, ou até iguais.

Não adianta muito chegar aos cem anos sem a menor qualidade de vida. Nas chamadas Blue Zones - Okinawa (Japão), Sardenha (Itália), Icaria (Grécia), Península de Nicoya (Costa Rica) e Loma Linda (Califórnia, EUA) - a média de vida é mais alta e há muitos centenários ativos. Veranópolis poderá ser a sexta Blue Zone, segundo alguns dados, estudos e opiniões. Nessas zonas azuis pesa muito uma vida com noção

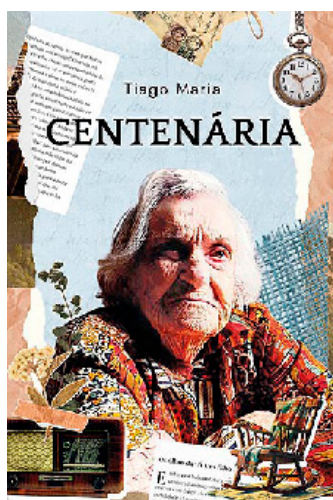
de propósito, um ou mais bons motivos para levantar da cama pela manhã. Uma rede de apoio consolidada, com vínculos sociais com familiares e amigos e nada de isolamento é considerada essencial.

Pesquisas científicas mostram que a genética de uma pessoa influencia em apenas 20% a expectativa de vida, 80% são ditados por estilo de vida, práticas saudáveis e hábitos preventivos, que trazem menos dores no corpo e indisposição. Dieta balanceada, frutas, verduras, legumes, grãos, sementes e carnes magras e pouco consumo de ultraprocessados estão na pauta.

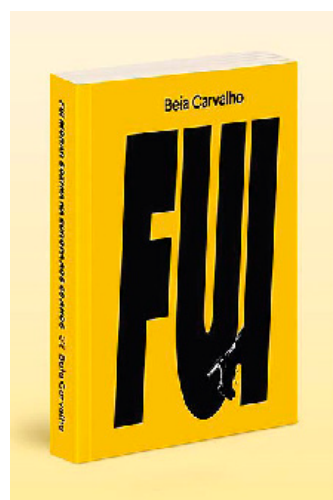
Cultivar uma rotina de exercícios variados, caminhada, musculação, alongamento, dança, hidroginástica e outros esportes, ao lado de pausas para meditação, respiração lenta, ioga e bastante consumo de líquidos: tudo isso vai ajudar a viver mais e melhor. Sete ou oito horas de sono, de preferência contínuo e sem uso de remédios, completam a receita da longevidade. Aproximadamente metade da população mundial não dorme bem, o que é alarmante e acaba virando caso de saúde pública.

Estamos vivendo mais tempo e precisamos nos preparar para ocupar essas décadas a mais com saúde, bons propósitos e felicidade. Sono, alimentação e exercícios: eis o tripé de ouro, que, junto com boa convivência consigo mesmo, com a família, amigos, vizinhos, colegas e desconhecidos, pode nos conduzir a uma existência rica em experiências e histórias para contar.

lançamentos



► **Centenária** (Santa Sede, 98 pág, R\$ 54,00), de Tiago Maria, narra os cem anos de vida de sua avó Maria Antônia Vargas Pedrosa, nascida em Glorinha em 1926 e desde jovem habitante do Sarandi, em Porto Alegre. Memórias pessoais e familiares muito vivas da vó, entremeadas com histórias de Porto Alegre, do Brasil e do mundo, estão no livro, que traz a força, sabedoria e vontade de viver da Maria favorita do Tiago. Autógrafos em Caxias, 18/8, 17h, Shopping Village.



► **FUI - Morar sozinha na Europa aos 69 anos** (São Paulo: 5 Years From Now, 336 pág.), de Beia Carvalho, consagrada publicitária, palestrante e viajante inveterada, mostra como uma das maiores futuristas brasileiras fez da própria vida um grande experimento sobre longevidade. Diário com palavras, imagens, vídeos, amigos, sabores, viagens, humor e reflexões revelam como superar a apatia do cotidiano ao qual nos entregamos. Instigante!



► **Domine sua dopamina** (Principium, 272 pág, R\$ 58,40), de Anastasia Hronis, psicóloga especializada no tratamento de vícios, mostra como quebrar o ciclo de hábitos ruins e encontrar o equilíbrio entre o prazer e propósito. Como lidar com os efeitos da dopamina no cérebro humano, como funciona e como utilizá-la a nosso favor, é o que propõe a obra, nesta época de redes sociais, maratonas de séries, comida, jogos, álcool e compras mil.

a propósito

Não existe receita igual para todos. Tirando alguns princípios gerais, cada pessoa deve buscar seu caminho livre e individual. Cada um pode viver como quer, encurtar ou comprimir a trajetória na terra, se cuidar ou se detonar, mas sempre é bom lembrar que não vivemos sozinhos e que saúde, bom humor, felicidade e convívio harmonioso devem estar

dentro de um todo maior, um coletivo que seja o melhor para todos. Pessoas saudáveis certamente possibilitam relações e mundos melhores, e dão menos despesas e preocupações para si, para família, amigos, concidadãos e governos. Curiosos, saudáveis e bem-humorados são os melhores, já dizia o saudoso escritor pacifista israelense Amós Oz. (Jaime Cimenti)

sangue novo

Haile Selassie: o litoral gaúcho em rap e reggae

Joana Luna Camargo

“Uma hora vai sair algo muito bom daqui”. Foi esse o pressentimento que Haile Selassie teve ao ouvir pela primeira vez o instrumental que viraria 2006, reggae que se tornou o grande divisor de águas de sua carreira. Aos 19 anos, natural de Capão da Canoa, o artista já soma cinco anos de trajetória musical, três mixtapes e dois videoclipes - o mais recente, ainda em finalização, para o próximo single, *Amante do Sol*.

A história por trás de 2006 nasce de uma sequência de coincidências. Selassie guardava havia meses a batida, enviada por um produtor gringo, Ez Music, esperando a ideia certa para usá-la. Chegou a esboçar um primeiro

refrão, inspirado numa garota da turma da escola, mas a letra não avançou. Então, num show de reggae em sua cidade natal, conheceu Laís, que ao vê-lo cantar clássicos do The Wailers, duvidou de sua idade - até conferir a carteira de identidade. “Ela olhou e falou: ‘tu és de 2006, um bebê’”, relembra rindo. A cena ficou martelando em sua cabeça até que, no dia seguinte, o refrão saiu de uma vez: “As mulheres da praia querem mais do que um 2006”, canta. A faixa ainda o impulsionou nas redes sociais, entre o Instagram e o TikTok, plataformas em que Selassie posta vídeos curtos dublando trechos de suas músicas - ampliando seu alcance para além da Capão da Canoa onde vive.

A primeira influência veio do



DARLEI ZANELLA/DIVULGAÇÃO/JC

Entre mixtapes e videoclipes, Selassie busca seu público nas redes sociais

pai, que o apresentou a Bob Marley ainda na infância. Na adolescência, o funk entrou em cena por influência dos colegas do colégio, e foi só mais tarde, já na pandemia, que o reggae voltou à sua vida. O rap, porém, foi o gênero escolhido quando decidiu gravar de fato, com letras em cima de instrumentais

gratuitos encontrados na internet. Hoje, Selassie recusa rótulos fixos e já pensa em buscar novos gêneros musicais para brincar, projetando experimentar com o pop rock e sonoridades mais melódicas.

Ainda começando sua vida em cima dos palcos, o que ele intitula como primeira apresentação

aconteceu antes mesmo da primeira mixtape, em sua formatura do 9º ano, dentro da prefeitura de Capão da Canoa, a convite da professora de matemática. Ao lado do colega Yuri, responsável pelo *beatbox*, apresentou um rap sobre a turma para uma plateia de cerca de 200 pessoas, incluindo o então prefeito. Hoje, já mais acostumado com o público, recorda do show lotado no clube Luvre Xangri-lá, no inverno de 2025, com o coletivo musical do qual fazia parte - hoje já dissolvido. “Foi a primeira vez que as pessoas me viram completamente sem timidez”, atesta.

Selassie conta que o processo de composição é gradual, anotando ideias soltas e frases no caderno ou no bloco de notas do celular, à espera de um instrumental ou de uma linha de melodia que as una. “No final, é como montar um quebra-cabeça”, descreve. Outro método que utiliza é do freestyle direto em estúdio, gravando linha por linha até formar a música.

Para o verão, o plano é lançar seu primeiro álbum completo, projeto conceitual dedicado à própria cidade natal. “Eu quero trazer as histórias de Capão, esse lado cultural que existe, só que as pessoas hoje em dia não se interessam tanto.”

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe de redação do Jornal do Comércio traz para você dicas de como aproveitar da melhor maneira o fim de semana em Porto Alegre. Seja curtindo a cultura da cidade na rua ou em casa, longe da chuva, o que não falta é coisa divertida para fazer.



Para este fim de semana, convido os leitores do JC a viajarem pelas ruas que foram palco para a genialidade de Qorpo Santo, um dos maiores dramaturgos do País e que teve em Porto Alegre a inspiração para sua obra. Esta é a ideia da primeira edição do projeto Caminhos Literários, da Biblioteca Pública do Estado. Guiado pelo ator e diretor Zé Adão Barbosa, o público vai percorrer ruas do Centro Histórico em um roteiro que remonta à Porto Alegre do século XIX. A participação é gratuita e sem necessidade de inscrição. O ponto de encontro será no Teatro São Pedro, sábado, às 10h, de onde a caminhada seguirá por mais cinco locais fundamentais na história do escritor.

Andressa Pufal,
repórter de Cultura do JC



Independente de chuva ou sol, minha dica para esta sexta-feira é o show de estreia do Maurício Chaise no Tutti Giorni, bar ícone da cultura porto-alegrense. Acompanhado do baixista Lucas Juswiak, do baterista Lucas Leão e do tecladista Murilo Moura, Maurício prepara repertório de sons autorais de sua antiga banda Locomotores, além de canções brasileiras dos anos 1970, de nomes como Erasmo Carlos e Patrulha do Espaço. O show terá a participação especial da cantora landra Cattani, e a entrada é franca, com contribuição espontânea. A abertura é do blueseiro David Russowsky, junto do guitarrista Rodrigo Chaise. A casa abre às 18h e o som começa cedinho, às 19h.

Joana Luna Camargo,
repórter-aprendiz do JC



Estarei fora da cidade neste final de semana, envolvido com a cobertura do Jornal do Comércio para o Festival de Cinema de Gramado. Mas, se estivesse em Porto Alegre, cogitaria fortemente ir ao Grezz na sexta-feira, para conferir a celebração aos 10 anos da Hard Blues Trio - uma das mais incansáveis bandas da atualidade, que leva seu blues rock a quem quer que se disponha a assisti-los, em qualquer canto do Estado e além. A noite vai ser de festa, com convidados e uma *jam session* bem democrática, na mais pura pegada blues - e é sempre bom prestigiar quem ainda acredita na vida na estrada, nesses tempos em que a música parece cada vez mais um entretenimento de sofá.

Igor Natusch,
editor de Cultura do JC



Um dos assuntos que mais mexeu com as redes sociais nesta semana é a versão que a cantora Anitta gravou para *Bichos Escrotos*, dos Titãs. Embora seja um clássico do rock nacional, a canção parece fora do radar de muitos fãs mais jovens da cantora - com direito a vídeos no TikTok apontando que a música teria sido feita com IA ou com “um sorteio de palavras”. Sem entrar na polêmica sobre conhecer ou não manifestações artísticas mais antigas, fica a dica para este final de semana de chuva: que tal tirar um tempo para curtir, pela primeira vez, um artista do passado, alguém de quem você só ouviu falar mas nunca escutou, leu ou assistiu? Pode ser a chance de se surpreender.

Isadora Jacoby,
editora do GeraçãoE